

**Meridiano de sangue**



CORMAC MCCARTHY

**Meridiano de sangue**  
*ou O rubor crepuscular no Oeste*

TRADUÇÃO  
Cássio de Arantes Leite

*2ª edição*

ALFAGUARA  


Copyright © 1985 by Cormac McCarthy

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Blood Meridian; or the Evening Redness in the West

*Capa e imagem de capa*

Gustavo Piqueira e Samia Jacintho / Casa Rex

*Revisão*

Diogo Henriques

Tamara Sender

Líliã Zanetti

Carmen T. S. Costa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

McCarthy, Cormac

Meridiano de sangue, ou, Rubor crepuscular no Oeste / Cormac McCarthy ; tradução de Cássio de Arantes Leite. — Rio de Janeiro : Alfaguara, 2020.

Título original: Blood Meridian, or, the Evening Redness in the West.

ISBN: 978-85-5652-109-5

I. Ficção histórica norte-americana I. Título. II. Título: The evening redness in the West.

---

20-42892

CDD-813.54

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção histórica : Literatura norte-americana 813.54

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia

20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editora.alfaguara](https://facebook.com/editora.alfaguara)

[instagram.com/editora\\_alfaguara](https://instagram.com/editora_alfaguara)

[twitter.com/alfaguara\\_br](https://twitter.com/alfaguara_br)

*O autor agradece à Lyndhurst Foundation, à John Simon Guggenheim Memorial Foundation e à John D. and Catherine MacArthur Foundation. E também gostaria de expressar sua gratidão a Albert Erskine, seu editor por vinte anos.*



*Pois suas ideias são terríveis e seus corações são fracos.  
Seus atos de piedade e de crueldade são absurdos,  
sem calma, como que irresistíveis. Enfim, vocês temem  
o sangue cada vez mais. Vocês temem o sangue e o tempo.*

PAUL VALÉRY

*Não se deve pensar que a vida da escuridão está mergulhada  
no sofrimento e perdida como que no pesar. Não existe pesar.  
Pois o pesar é algo que é tragado pela morte, e a morte e o  
momento em que se morre são a própria vida da escuridão.*

JACOB BOEHME

*Clark, que chefiou a expedição do ano passado à região de Afar, no  
norte da Etiópia, e seu colega da Universidade da Califórnia em  
Berkeley, Tim D. White, também afirmaram que um reexame do  
crânio fóssil de 300 mil anos de idade encontrado anteriormente  
nessa mesma região exhibe sinais de ter sido escalpelado.*

*The Yuma Daily Sun, 13 de junho de 1982*





# 1

INFÂNCIA NO TENNESSEE — PARTIDA — NEW  
ORLEANS — BRIGAS — BALEADO — PARA  
GALVESTON — NACOGDOCHES — REVERENDO  
GREEN — JUIZ HOLDEN — UM CONFRONTO —  
TOADVINE — O INCÊNDIO DO HOTEL — FUGA.

Vejam a criança. O menino é pálido e magro, usa uma camisa de linho puída e esfarrapada. Atiça o fogo na copa. Lá fora estão os escuros campos arados entremeados de fiapos de neve e além deles as florestas ainda mais escuras que abrigam uns poucos lobos remanescentes. Sua família é tida por cortadores de lenha e carregadores de água mas seu pai na verdade sempre foi um mestre-escola. Ele se afoga na bebida, cita poetas cujos nomes hoje estão esquecidos. O menino se agacha junto ao fogo e o observa.

A noite em que você nasceu. Trinta e três. Os Leonídeos, era como chamavam. Deus, como choviam estrelas. Busquei o negrume, buracos no firmamento. A Ursa despedaçada.

A mãe morta há catorze anos nutriu no próprio seio a criatura que a levaria deste mundo. O pai nunca menciona seu nome, a criança não o sabe. Ele tem uma irmã que nunca verá novamente. Ele observa, pálido e sujo. Não sabe ler nem escrever e em seu íntimo já incuba o gosto pela violência impensada. Toda a história presente nesse semblante, a criança o pai do homem.

Aos catorze anos foge. Não voltará a ver a cozinha gelada na escuridão que precede a aurora. A lenha, as tinas. Perambula para

oeste até Memphis, migrante solitário na paisagem plana e pastoral. Pretos nos campos, magros e curvados, dedos como aranhas em meio aos casulos de algodão. Uma ensombrecida agonia no horto. Contra o declínio do sol silhuetas se movem ao crepúsculo letárgico através de um horizonte de papel. Um lavrador escuro e solitário atrás de mula e grade pelo aluvião encharcado de chuva rumo à noite.

Um ano depois está em Saint Louis. É levado a New Orleans a bordo de uma chata. Quarenta e dois dias no rio. À noite os vapores uivam morosos pelas águas negras, iluminados como cidades à deriva. Eles desmontam a barça e vendem a madeira e ele caminha pelas ruas e ouve línguas que nunca ouvira antes. Mora em um quarto acima do pátio nos fundos de uma taverna e desce à noite como alguma fera de contos de fada para brigar com os marinheiros. Não é grande, mas tem pulsos grandes, mãos grandes. Os ombros são estreitos. O rosto da criança permanece curiosamente intocado por trás das cicatrizes, os olhos singularmente inocentes. Lutam com punhos, com pés, com garrafas ou facas. Todas as raças, todos os tipos. Homens cuja fala soa como o grunhido de grandes macacos. Homens de terras tão distantes e exóticas que parado ali vendo-os sangrar na lama ele sente que a própria humanidade foi vingada.

Certa noite um contramestre maltês dá um tiro em suas costas com uma pequena pistola. Girando para confrontar o homem é baleado de novo pouco abaixo do coração. O homem foge e ele se apoia no balcão com o sangue correndo por sua camisa. Os outros desviam o olhar. Após um instante ele senta no chão.

Jaz em um catre no quarto de cima por duas semanas aos cuidados da mulher do taverneiro. Ela traz suas refeições, leva embora seus dejetos. Uma mulher de ar austero com um corpo fibroso como o de um homem. Quando está recuperado não tem dinheiro para pagá-la e parte à noite e dorme na beira do rio até encontrar um barco que o leve dali. O barco está de saída para o Texas.

Só agora a criança se despe enfim de tudo que foi. Suas origens tornam-se remotas como seu destino e nunca mais outra vez por mais voltas que o mundo dê haverá plagas tão selvagens e bárbaras a ponto de pôr à prova se a matéria da criação pode ser moldada à vontade do

homem ou se o seu próprio coração não é uma argila de outro tipo. Os passageiros são um bando desconfiado. Enclausuram o olhar em cautela e um não pergunta ao outro o que o traz ali. Ele dorme no convés, um peregrino entre outros. Observa o litoral escuro que sobe e desce. Cinzentas aves marinhas de ar apalermado. Voos de pelicanos ao longo da costa acima das vagas cinzentas.

Desembarcam a bordo de uma barca, colonos e suas posses, todos examinando o baixo contorno do litoral, a fina angra de areia e pinheiros flutuando na neblina.

Caminha pelas ruas estreitas do porto. O ar cheira a sal e serragem fresca. À noite prostitutas o chamam da escuridão como almas carentes. Uma semana depois está de partida outra vez, na bolsa o punhado de dólares que ganhou, caminha sozinho pelas estradas arenosas da noite sulista, os punhos cerrados nos bolsos de algodão do casaco vagabundo. Estradas de terra elevadas no pântano. Bandos de garças brancas como velas em meio ao musgo. O vento é cortante e folhas trotam à beira do caminho e desabalam pelos campos noturnos. Ele segue o rumo norte através de pequenos povoados e fazendas, trabalhando em troca de pagas diárias e cama e comida. Vê um parricida sendo enforcado em uma aldeia na encruzilhada e os amigos do homem correm e puxam suas pernas e ele pende morto da corda enquanto a urina escurece sua calça.

Trabalha em uma serraria, trabalha em uma casa para pacientes de difteria. Aceita como pagamento de um fazendeiro uma mula velha e no dorso desse animal na primavera do ano de mil oitocentos e quarenta e nove atravessa a atual república de Fredonia e entra no vilarejo de Nacogdoches.

O reverendo Green vinha se apresentando diante de uma casa lotada diariamente desde que a chuva começara a cair e a chuva vinha caindo fazia duas semanas. Quando o kid se enfiou dentro da tenda de lona esfarrapada havia espaço para ficar de pé junto às paredes, um lugar ou dois, e de tal forma tresandavam os corpos molhados e sem banho que estes saíam de súbito para o aguaceiro vez e outra em busca de ar fresco antes que a chuva os obrigasse a entrar novamente.

Permaneceu com outros como ele na parede do fundo. A única coisa que poderia tê-lo diferenciado em meio àquela multidão era o fato de que não estava armado.

Amigos, disse o reverendo, ele não conseguia ficar de fora desses antros do inferno, antros do inferno bem aqui em Nacogdoches. Eu disse a ele, disse: Vai levar o filho de Deus ali dentro com você? E ele disse: Oh, não. Não, não vou. E eu disse: Não sabe que ele disse eu vou seguir você por todo o sempre até o fim da jornada?

Bem, ele disse, não pedi a ninguém pra ir aonde quer que seja. E eu disse: Amigo, não precisa pedir. Ele vai acompanhar você em cada passo do caminho, querendo ou não. Eu disse: Amigo, não pode se livrar dele. Ora. Vai arrastá-lo a ele, *a ele*, àquele antro do inferno ali?

Já viu um lugar onde chove desse jeito?

O kid observava o reverendo. Virou para o homem que falava. Usava longos bigodes à moda dos tropeiros e portava um chapéu de abas largas com uma copa baixa e redonda. Era levemente estrábico e observava o kid gravemente, como que ansioso por saber sua opinião sobre a chuva.

Acabei de chegar, disse o kid.

Bom, nunca vi nada igual.

O kid concordou com a cabeça. Um sujeito enorme vestindo um impermeável de oleado entrara na tenda e removera o chapéu. Era calvo como uma rocha e não tinha traço de barba e nenhuma sobancelha acima dos olhos, tampouco cílios. Ultrapassava os dois metros e dez de altura e continuou fumando seu charuto até mesmo ali naquela casa nômade de Deus e ao que parecia removera o chapéu apenas para sacudir a chuva e agora o enfiava novamente.

O reverendo interrompera por completo o sermão. Não se ouvia um som dentro da tenda. Todos fitavam o homem. Ele ajeitou o chapéu e então abriu caminho até o púlpito de engradado onde ficava o reverendo e ali fez meia-volta para se dirigir à congregação do reverendo. Seu rosto era sereno e estranhamente infantil. Tinha mãos pequenas. Estendeu-as.

Senhoras e senhores, sinto que é meu dever informá-los que o homem que conduz este culto é um impostor. Não possui quaisquer documentos de ciência teológica de nenhuma instituição reconhecida

ou improvisada. Carece inteiramente da mínima capacitação ao ofício que usurpou e limitou-se a memorizar umas poucas passagens do bom livro com o propósito de emprestar a seus sermões fraudulentos algum débil sabor da devoção que despreza. Na verdade, o cavalheiro nesse instante diante de vocês fazendo-se passar por ministro do Senhor é não só totalmente analfabeto como também procurado pela lei nos estados do Tennessee, Kentucky, Mississippi e Arkansas.

Ai, Deus, clamou o reverendo. Mentiras, mentiras! Começou a ler febrilmente de sua bíblia aberta.

Por uma variedade de acusações a mais recente das quais envolveu uma menina de onze anos — onze, repito — que dele se aproximou em confiança e à qual o surpreenderam no ato de violar enquanto ainda trajado nas vestes de seu Deus.

Um gemido percorreu a multidão. Uma senhora caiu de joelhos.

Este é ele, gemeu o reverendo, choramingando. Este é ele. O diabo. Aqui está ele.

Vamos enforcar esse merda, exclamou um bruto repulsivo no meio do grupo, virando para os fundos.

Nem três semanas atrás fugiu correndo de Fort Smith Arkansas por manter intercurso com uma cabra. Isso mesmo, senhoras, foi o que eu disse. Uma cabra.

Quero ser um maldito de um cego se não vou atirar nesse filho da puta, disse um sujeito erguendo-se em um canto distante da tenda, e puxando uma pistola de sua bota fez mira e disparou.

O jovem tropeiro na mesma hora sacou uma faca de sua roupa, rasgou a tenda e evadiu-se sob a chuva. O kid o seguiu. Curvados, correram através da lama na direção do hotel. O tiroteio já era geral dentro da tenda e uma dezena de passagens haviam sido abertas na lona e a multidão saía, as mulheres gritando, gente atropelada, gente pisoteada na lama. O kid e seu parceiro chegaram à varanda do hotel e limparam a água de seus olhos e viraram para olhar. Ao fazê-lo, a tenda começou a balançar e a vergar e como uma gigantesca medusa ferida vagarosamente tombou arrastando ao chão as paredes de lona rotas e os cabos puídos.

O calvo já estava no balcão quando entraram. Na madeira lustrosa diante dele havia dois chapéus e um punhado duplo de moedas. Ele

ergueu o copo mas não para eles. Ficaram de pé junto ao balcão e pediram uísque e o kid tirou seu dinheiro mas o barman empurrou de volta com o polegar e abanou a cabeça.

Esta é por conta do juiz, disse.

Beberam. O tropeiro baixou o copo e fitou o kid, ou pareceu fazê-lo, não dava para ter certeza sobre a direção de seu olhar. O kid olhou para a ponta do balcão, onde estava o juiz. O balcão era tão alto que não era qualquer homem que conseguia apoiar os cotovelos no tampo, mas batia apenas na altura da cintura do juiz e este permanecia com a palma das mãos apoiada na madeira, ligeiramente curvado, como que prestes a dar uma nova declaração. Agora entravam homens em profusão pela porta, sangrando, cobertos de lama, praguejando. Reuniram-se em torno do juiz. Um destacamento era montado para ir atrás do pregador.

Juiz, como sabia dos podres daquele vagabundo?

Podres? disse o juiz.

Quando esteve em Fort Smith?

Fort Smith?

De onde conhecia o homem pra saber tudo aquilo sobre ele?

Quer dizer o reverendo Green?

Isso mesmo. Imagino que o senhor estava em Fort Smith antes de vir pra cá.

Nunca estive em Fort Smith em toda minha vida. Duvido que ele tenha estado.

Olharam uns para os outros.

Então onde foi que cruzou com ele?

Nunca pus os olhos no sujeito até hoje. Nem sequer ouvi falar dele.

Ergueu o copo e bebeu.

Um silêncio estranho pairou no ambiente. Os homens pareciam efígies de barro. Então alguém enfim começou a rir. Depois outro. Logo todos riam juntos. Pagaram uma bebida para o juiz.

Estava chovendo havia dezesseis dias quando conheceu Toadvine e ainda chovia. Ele continuava no mesmo saloon e bebera todo seu

dinheiro, salvo dois dólares. O tropeiro partira, praticamente ninguém no lugar. A porta aberta permitia ver a chuva caindo no terreno vazio atrás do hotel. Esvaziou seu copo e saiu. Havia tábuas colocadas através da lama e ele se guiou pela faixa de luz pálida vinda da porta na direção das latrinas de madeira no fundo do terreno. Outro homem voltava das latrinas e encontraram-se no meio do caminho de tábuas estreitas. O sujeito diante dele cambaleava ligeiramente. A aba úmida do chapéu caía em seus ombros, exceto na testa, onde estava puxada para trás. Segurava frouxamente uma garrafa. Melhor sair do caminho, disse.

O kid não ia fazer isso e achou que não valia a pena discutir. Chutou o homem no maxilar. O homem caiu e voltou a ficar de pé. Disse: Vou te matar.

Golpeou com a garrafa e o kid abaixou e golpeou outra vez e o kid deu um passo para trás. Quando o kid o atingiu o homem quebrou a garrafa na lateral de sua cabeça. Saiu das tábuas para a lama e o homem se lançou atrás dele com o gargalo denteado e tentou enfiá-lo em seu olho. O kid o rechaçava com as mãos e os dois estavam grudentos de sangue. Ele tentava alcançar a faca em sua bota.

Vou acabar com a sua raça, disse o homem. Pelejaram na escuridão do terreno, perdendo as botas. O kid estava com sua faca agora e circulavam como dois caranguejos e quando o homem investiu ele abriu um rasgo em sua camisa. O homem jogou fora a garrafa e puxou uma enorme faca bowie de trás da cabeça. Seu chapéu caíra e seus cachos negros e viscosos pendiam-lhe em torno e ele sistematizara suas ameaças a uma única palavra matar como um mantra maníaco.

Aquele ali vai virar picadinho, disse um dos vários sujeitos parados nas tábuas assistindo.

Tematar tematar espumava o homem forcejando para a frente.

Mas algum outro veio pelo terreno, sons firmes e sonoros de sucção como uma vaca. Ele brandia um shellalegh imenso. Alcançou primeiro o kid e quando vibrou sua clava o kid caiu de cara na lama. Teria morrido se alguém não o virasse.

Quando acordou era dia e a chuva cessara e viu-se erguendo o olhar para o rosto de um homem de cabelos longos completamente coberto de lama. O homem dizia alguma coisa para ele.